

# SOBRE O AUTOR, A OBRA E O GÊNERO LITERÁRIO

Por Kátia Chiaradia e Marcella Abboud<sup>1</sup>

## Carta ao jovem leitor

Olá leitora, olá leitor,

Esperamos que você tenha gostado da leitura desta obra literária e que ela tenha sido importante para a sua vivência. Afinal, é comum nos questionarmos: para que serve a literatura? Você já se perguntou isso?

Numa vida como a que temos vivido, utilitarista e veloz, as artes – dentre elas a literatura – às vezes passam despercebidas na grandeza da sua importância por não terem como produto final algo que a gente possa contabilizar. E mais que isso: na correria do cotidiano, o processo de leitura depende de tempo e atenção, de maneira que nossos olhos, tão acostumados à velocidade das redes sociais, se esquecem como fazer.

Podemos dizer que um texto **literário** tem um diferencial em relação a todos os outros, mesmo aqueles que parecem mais úteis no dia a dia: ele é **plurissignificativo**. Isso quer dizer que não existe – nem jamais existirá – uma única maneira de interpretá-lo. Quando lemos e estudamos uma obra literária, movimentamos e demandamos uma análise crítica desse texto e acerca dele, do contexto de sua produção até o de sua recepção. Afinal, cada

---

1 Kátia Chiaradia é licenciada em Letras, mestre e doutora em Teoria e História Literária (na área de Teoria e Crítica Literária) pela UNICAMP. É pesquisadora de Pós-Doutorado na UERJ, onde estuda a BNCC e o campo de atuação artístico-literário, e autora de material pedagógico de literatura.

Marcella Abboud é licenciada em Letras, mestre e doutora em Teoria e História Literária (na área de Teoria e Crítica Literária) pela UNICAMP. É professora de Ensino Médio, autora de material pedagógico de literatura e escritora. Com o pseudônimo de Marcella Rosa, publicou *Jogadas na rede* (Letramento, 2020), entre outros.

época e cada lugar em que o humano se fez presente teceu sua própria trama de interpretações acerca de um texto (ou de qualquer produção artística), do mundo e de si mesmo.

Sabe o poder disso? Convidar você para construir um significado para essa história, que transforme também o seu modo de ver e de estar no mundo, isso é uma experiência sem igual. Sendo assim, para nós, ler uma obra de literatura consiste também em posicioná-la em uma rede de referências, literárias ou não, de nosso tempo e de outros tempos.

Por isso, nas páginas deste material, você lerá muitos aspectos que organizamos sobre o texto e sobre o contexto do livro que acabou de ler, para que, por meio da sua leitura, possa se conectar a outras leituras e a outras pessoas, lendo também as realidades que fazem sentido a você. E, nesse percurso, você também estará nos dizendo um pouco sobre o que é literatura hoje e para você.

Desejamos uma boa experiência leitora!

## O autor

**Melvin Burgess** nasceu em Sussex (Grã-Bretanha) em 1954 e é escritor de ficção infantojuvenil. De acordo com ele mesmo, sofreu durante toda a infância por não se adaptar ao sistema educacional. Foi só quando se matriculou em um curso de jornalismo de seis meses, que ele realmente gostou de estudar. Lá, também descobriu que gostava de escrever.



JOHN COOMBS

Melvin Burgess

Mudou-se para Bristol aos 21 anos e começou a escrever, entre períodos de trabalho e desemprego. Burgess continuou escrevendo depois de se mudar para Londres em 1983, compondo contos, peças de rádio e ficção infantojuvenil. Seu primeiro livro publicado, *The Cry of the Wolf* (1990), foi selecionado para a Carnegie Medal do ano, o maior prêmio britânico de literatura infantojuvenil. Mas foi por seu controverso romance adolescente *Junk* (1996), que ele ganhou maior reconhecimento. Na Grã-Bretanha, *Junk* se tornou um dos livros para jovens adultos mais conhecidos da década. Vencedor da Carnegie Medal e do Prêmio Guardian de Ficção Infantil, é um relato honesto e perturbador sobre a falta de moradia de adolescentes e o vício em heroína nas ruas de Bristol, também foi adaptado para a televisão.

Seu livro *Bloodtide* (1999) foi o vencedor do Lancashire Children's Book, e a comédia *Lady: My Life as a Bitch* (2001) também recebeu muita publicidade. Ainda em 2001, foi publicada sua novelização do filme *Billy Elliot*, baseada no roteiro de Lee Hall. Seu polêmico romance adolescente *Doing It* (2003) ganhou o Los Angeles Times Book Prize de Literatura para Jovens Adultos em 2004.

Além de *Me encenquei de novo!*, seus livros mais recentes são: *Hunger* (2013), *Persist* (2015) e *The Lost Witch* (2018). Atualmente, Melvin Burgess mora em Hebden Bridge, em West Yorkshire, na Inglaterra, com sua esposa e editora, Anita.

## O tradutor

ACERVO PARTICULAR



Alexandre Boide

Altamente Recomendáveis pela Fundação Nacional do Livro Infantojuvenil (FNLIJ).

**Alexandre Boide** nasceu em São Paulo, capital, em 1979. É graduado em Letras, com habilitação para Tradutor e Intérprete, pela Faculdade Ibero-Americana, em São Paulo. Alexandre começou a se interessar por tradução desde a adolescência. Traduziu, entre vários, os livros *Logi-comix*, *Frida Kahlo: uma biografia e Eu sou uma noz*, que receberam o selo de

### Sobre a obra e seu gênero

*Me encenquei de novo!* é um livro que dói. As cenas de briga doem. A descrição do formato dos hematomas dói. O relato diário de cada novo abandono dói. Isso porque esse é o típico livro realista demais para não doer, com o tipo de verossimilhança<sup>2</sup> mais potente: aquele que nos deixa machucados e capazes de reconhecer a nós mesmos ou a um conhecido na dor que está sendo narrada.

O enredo do livro é um entrecruzamento dos relatos<sup>3</sup> de quatro personagens. Ao final, nos agradecimentos, o leitor fica sabendo que as histórias são baseadas em fatos e pessoas reais, mas que foram ficcionalizados:

*Os personagens foram crescendo e se fundindo uns com os outros, alguns foram sendo inventados, certas situações foram omitidas, outras ganharam mais*

2 Verossimilhança é a qualidade que permite que um texto, seja verbal ou visual, mesmo sendo ficcional, pareça verdadeiro.

3 Relatos são textos narrativos, em primeira pessoa, que tratam de uma experiência vivenciada pelo narrador. Geralmente, eles têm respaldo na realidade.

*destaque, outras ainda foram modificadas... Resumindo, os relatos foram ficcionalizados. Mas espero que muita gente com quem conversei quando estava escrevendo o livro ainda consiga se reconhecer nestas páginas.* (p. 262)

O desejo do autor, embora **não deva nortear nenhuma interpretação**, pode ser alvo de reflexão e, nesse caso, parece ter se realizado: é bem difícil terminar o livro *Me encenquei de novo!* sem se solidarizar com os jovens ali descritos, tamanho o reconhecimento e a universalidade das dores.

*Me encenquei de novo!* é uma ficção romanesca. O gênero tem, como um de seus principais aspectos, a ação e a pluralidade dramática – isto é, o gênero romance permite uma série de dramas, conflitos ou diferentes histórias dentro de uma só. Sendo assim, a sua estrutura permite um número ilimitado de personagens, liberdade de abordar um tempo e espaço, diálogo, narração, descrição e até a inserção de outros textos, desde os dissertativos até os poéticos e dramáticos, por exemplo. O teórico Massaud Moisés diz que o romance se constitui “no espelho dum povo, a imagem fiel duma sociedade”<sup>4</sup>, isso porque a estrutura e a heterogeneidade que o gênero permite oferecem a nós, leitores, uma visão macroscópica da realidade.

Embora haja elementos em comum entre os textos pertencentes a esse gênero, muitos outros podem ser diferentes, até díspares: um romance pode ou não ser escrito em capítulos, ter ou não pontuação, parágrafos, pode ou não ter referente na realidade, pode ou não ter um narrador que dialoga com o leitor, pode trazer temas e intertextos filosóficos, religiosos, científicos, históricos, assim como fragmentos epistolares, jornalísticos etc. Ele pode ser lírico ou rítmico, como nas narrativas orais, já imitou o cinema, trouxe a linguagem do teatro, as modas da televisão e, na atualidade, às vezes imita a internet, traz imagens, colagens, misturando linguagens.

---

4 MOISÉS, Massaud. *A criação literária – Prosa I* (formas em prosa: o conto, a novela, o romance). 15 ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 159.

É importante falarmos também que, em um romance e seus elementos – personagens, espaço, tempo, entre outros –, há diferentes mudanças ou ocultações, cada história pode ser contada de indefinidas maneiras, mas o narrador está sempre presente. E há diferentes tipos de narradores, que vão mudando ao longo dos séculos – podem ser intrusos, neutros, oniscientes, protagonistas, pode ser uma narração de modo dramático, em fluxo de consciência ou um monólogo, assim como podem ser múltiplos, como é o caso de *Me encenquei de novo!*.

No romance de Burgess há quatro narradores (e não um, como é frequente), sendo que três deles são adolescentes: Rob, Billie e Chris. Eles não se conhecem desde o início do livro, mas, aos poucos, veremos as ações individuais de cada um começarem a impactar as vidas uns dos outros. Esses relatos são acrescidos de uma quarta narradora, Hannah, a conselheira na Unidade de Ressocialização Escolar Brant, o fator humanizador do livro. Hannah, ao assumir a narração em alguns capítulos, faz um movimento fundamental quando se trata de incriminar pessoas: ela mostra o outro lado da história.

Pode-se dizer, ainda, que a história não tem apenas um protagonista, mesmo que, em certa medida, Billie seja um eixo importante do enredo ao concentrar a intersecção de todas as violências ali descritas, pois, além de ser jovem e desamparada, como Rob, tem a vulnerabilidade de gênero: ser uma garota adolescente representa um risco dobrado, especialmente quando se está destituída de autoestima.

A própria Billie descreve a si mesma como um problema. Aos poucos, ficamos sabendo que foi abandonada pelo pai e depois pela mãe, e já está na quinta casa adotiva. Ela tem uma personalidade explosiva e está sempre envolvida em brigas. Após uma sequência de brigas em apenas 24 horas, uma delas envolvendo mais de cinquenta crianças, e a outra uma aparente agressão a seus pais adotivos, Billie é detida e **enviada à Brant** mais uma vez, com a advertência de que essa seria sua última chance. Se houvesse mais alguma agressão, a quem quer que fosse, ela poderia ser encaminhada para o reformatório.

Rob, abandonado pelo pai na infância, é amado por sua mãe, com quem tem um forte vínculo. Essa relação sofre um baque quando ele a vê saindo de casa para fugir da violência doméstica, que lhe era imposta pelo pai de seu segundo filho e padrasto de Rob. O adolescente também é a figura responsável pelos cuidados do irmão mais novo e apanha do padrasto em silêncio, por causa disso ele tem uma autoimagem muito prejudicada. Sofre *bullying* na escola por ser gordo, metaleiro e até por “ter as orelhas assim”. Apesar de ser vítima na escola, acaba sendo ele próprio acusado de violência, quando estava apenas fugindo dela, numa tentativa de se preservar. Para a escola, contudo, parecia mais fácil “se livrar” dele em vez de localizar e culpar os agressores, por isso Rob é **enviado para a Brant**.

Chris, filho único de uma família estruturada, é muito amado pelos pais, mas vem se tornando um caso de fracasso escolar. Embora houvesse esforço em tentar entendê-lo, os pais começam a ficar exaustos da sua displicência e, além de discutirem com ele, passam a discutir entre si. Ele está há quatro anos sem fazer as lições de casa, mal acompanhando as aulas, e com planos que não envolvem o aprendizado formal. Chris quer ser empreendedor, tem uma pequena loja on-line e não vê sentido algum na educação que recebe. Por isso, provoca incessantemente seus professores, em especial seu professor de Ciências que, cansado, simula uma agressão para culpá-lo. Chris, depois disso, é enviado **para a Brant**.

### **Unidade de Ressocialização Escolar Brant**

As três histórias se unem na Brant, literalmente, em uma briga: Billie bate violentamente em Rob – quem há pouco tempo ela havia defendido de um ataque de *bullying* –, porque, ao cair, apoiou-se nas pernas da garota e acidentalmente abaixou sua calça. Rob, surpreendentemente, é protegido por Chris, até então seu desafeto, depois de um desentendimento em um ponto de ônibus. Chris, por sua vez, é agredido nos testículos por Billie, a quem sorriera instantes antes.

O caso segue para o hospital, a polícia, a fuga de Billie e, no percurso, os três jovens vão sofrendo agressões e incentivos, em

diferentes medidas entre si, por diferentes razões, numa típica trajetória de jovens em vulnerabilidade social e/ou emocional, a qual envolve mentiras, violência, roubo, agressões físicas e psicológicas, tentativas de estupro, drogas, mas também solidariedade e empatia.

Numa primeira leitura, *Me encenquei de novo!* parece ser um livro sobre *bullying*<sup>5</sup>. E não deixa de sê-lo, mas sua abrangência é tamanha que passa a ser um livro sobre existir na complicada transição da infância à vida adulta, convivendo com diversas questões, entre elas, o *bullying*. Na realidade, a trama é escrita de tal maneira que o *bullying* passa a ser, inclusive, um recurso estilístico do autor para nos obrigar a ler tudo em perspectiva. Há uma decisão política na composição da obra em mosaico: ver por todos os lados possíveis.

Explicamos: a primeira voz que conhecemos é a de Billie, assistindo a uma cena de *bullying*, na qual Rob apanha por ser gordo e ter orelhas fora de um suposto padrão. Acompanhamos, na narração em primeira pessoa, os conflitos internos de Billie: ajudar o garoto e ser ela própria encençada ou deixar para lá e vê-lo apanhar? Pois Billie compra a briga de Rob e, como sugere o título, se encena de novo. Não deveria, já que foi solidária, mas sua fama a precede.

Ao longo da narrativa, a história de Billie nos é contada por diferentes ângulos, todos eles em formato de relato. Vemos Rob, depois de ser protegido por ela, colocando-a num pedestal, numa descrição apaixonada sobre a garota mais poderosa que ele já havia visto. Hannah, que a descreve com a cara de “Dennis, o pimentinha”, com carinho cuidadoso e uma esperança sincera na sua mudança de postura. E Chris, que oscila entre o terror e a admiração.

Apesar de todos os vieses, a narradora que melhor conta a história de Billie é ela mesma. A técnica empregada por Burgess para indicar o narrador é transformar o título do capítulo no nome da personagem. Todos os que começam com Billie

---

5 *Bullying* é o termo utilizado para definir a prática de atos violentos, intencionais e repetitivos, por parte de um ou mais, contra uma pessoa indefesa.



embargam nossa leitura por uma emoção que oscila entre a sensação de impotência e de raiva: Billie foi abandonada por todas as pessoas que puderam abandoná-la, inclusive, ela mesma. Sua autoestima está completamente destruída pela sua história de vida: a mãe, em função de depressão e alcoolismo, foi tornando-se cada vez mais disfuncional, sobrecarregando a filha mais velha e transformando-a na figura que cuida da casa, dos irmãos mais novos e de si mesma:

*Fui me afastando aos poucos da minha mãe. Comecei a me virar sozinha em casa. Fazer limpeza, cozinhar. Passar no supermercado depois da escola. Se eu não fizesse isso, a gente não ia ter o que comer, ela ia gastar tudo com bebida. Aos dez anos de idade, eu já acordava os meus irmãos, arrumava todo mundo pra ir pra escola, dava comida, comprava os mantimentos e tudo mais. Eu era uma pequena dona de casa. Ia eu mesma descontar o contracheque dela a cada duas semanas, separava o dinheirinho da bebida. Precisava esconder o resto, senão ela roubava. (p. 25)*

Esse cenário, contudo, onera sua capacidade de estudo e, de boa aluna que era, passa a ser uma aluna relapsa, fazendo com que a assistência social a separe da mãe e a imponha lares adotivos. Embora seja (ou devesse ser) óbvio para o leitor externo que Billie não é culpada, ela carrega essa culpa e a transforma em agressividade.

A consequência nefasta da culpa e da autoestima arrasada de uma criança transitando para adolescência<sup>6</sup> está tristemente exposta na obra: Billie se envolve em situações de autodestruição, ainda que não perceba conscientemente que o faz. A mais evidente é sua relação com Cookie:

---

6 Adolescência, de acordo com a Organização Mundial de Saúde, compreende a etapa vital que abrange dos 10 aos 19 anos, iniciando-se com as mudanças corporais da puberdade e terminando quando o indivíduo consolida seu crescimento e sua personalidade.

*Minha ideia era ir visitar a minha mãe depois da escola naquele dia, mas estava tão irritada depois da briga que pensei em ir ver o Cookie em vez disso. Ele não é exatamente um namorado, mas é o mais próximo disso que tenho na vida. Trabalha numa lanchonete. E é um tremendo de um maluco – só quer saber de ficar bêbado e dar uns amassos. Por mim tudo bem. Pelo menos com ele eu sei com quem estou lidando. (p. 25)*

É impossível que não reconheçamos a trajetória de Billie em tantas adolescentes brasileiras. Ter uma vida sexual ativa aos quinze anos não é incomum no Brasil. Na realidade, dados da revista oficial do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente apontam que a mediana da sexarca (primeira relação sexual) para meninas é de exatos quinze anos, e para meninos é de catorze. A precoce iniciação sexual, de acordo com a pesquisa, indica ainda que:

*a violência intrafamiliar, transtornos psicológicos e problemas judiciais familiares contribuem para uma iniciação sexual mais precoce [...] pela baixa assistência prestada aos adolescentes pelos seus pais e/ou um pior relacionamento entre adolescente e família.<sup>7</sup>*

Em *Me encenquei de novo!*, a discussão sobre a iniciação sexual precoce não é apenas pela imaturidade biológica, intelectual e emocional, mas como isso traz consequências violentas para a vida da personagem: contracepção indesejada e a exposição à situação de risco. Billie, inclusive, vivenciará uma das cenas mais trágicas da obra: a tentativa de um estupro coletivo (isto é, quando uma vítima é acuada e estuprada por mais de uma pessoa), assentida e propiciada pelo próprio Cookie, seu “ficante”.

---

7 FUCHS, H.B.; BORGES, L.N.; NOVADZKI, I.M.; BERMUDEZ, B.E.B.V. Comportamento Sexual na Adolescência. *Adolescência & Saúde*, v. 16, n. 3, p. 93-101, 2019.

No Brasil, em 2018, foi sancionada a Lei 13.718, justamente para aumentar a pena, acima da já existente, para casos de estupro coletivo, e se o for contra vulnerável (menores de catorze anos ou pessoas sem discernimento) a pena ainda tem um agravante. Billie, na obra, tem quinze anos, ela foi drogada com a relativamente famosa droga “boa noite, cinderela”, um composto que pode ter origem em diferentes drogas lícitas ou ilícitas e dopa a pessoa, levando-a a um estado de sono e/ou total apatia.

Em algumas memórias da infância de Billie, também temos acesso a tentativas de pedofilia com o namorado da mãe à época, além da angustiante cena em que ela se vê presa numa construção abandonada com cinco homens adultos em situação de rua:

*então passei a noite numa casa abandonada na Charles Street, escondida num quarto no segundo andar. Eu já tinha ido lá uma vez com uns amigos. Era um lixo – a gente foi lá só pra olhar mesmo. E encarar aquilo sozinha era ainda pior. Naquela noite apareceram uns caras por lá, uns bêbados. Mendigos. Quatro ou cinco velhos imundos e eu ali sozinha? Eles podiam fazer o que quisessem comigo. Fiquei bem quieta no meu canto, torcendo pra ninguém subir a escada. No fim eles dormiram, mas eu não quis sair pra rua no meio da madrugada, estava com medo. (p. 189)*

Apesar de a violência perpassar por praticamente todas as figuras femininas da obra, vale destacar a forma com que a questão de gênero é trabalhada. Billie é uma garota forte, distante do estereótipo da fragilidade, e muito consciente dos perigos impostos a uma garota em situação de rua. Essa construção a transforma em uma personagem que não espera ser salva – e, quando o é, é por outra mulher que a empodera, Hannah.

A conselheira, aliás, é outra personagem muito forte e potente. Mesmo sendo mãe solo, Hannah trabalha com empenho na reestruturação da vida dos jovens de que cuida, engaja-se

verdadeiramente com as vidas que ajuda no seu aconselhamento e acaba funcionando, na narrativa, como ponto de contato entre os três adolescentes. Mesmo a mãe de Rob, cuja história não conhecemos pela sua voz, mas pelo relato do filho, é uma mulher que renuncia a um lar de violência para se reestruturar, ainda que isso incluísse a distância dos filhos e uma mudança considerável de padrão social. Há, nessa obra, temática e potente, uma honestidade no retrato da violência e a possibilidade de compreender que seres humanos reais fazem escolhas reais e possíveis, não idealmente éticas.

A obra é organizada em quatro partes: “Escola”, “Brant”, “A banda” e “Kill All Enemies”. Diferentemente do que se esperaria de uma leitura idealizada, a escola que nomeia a primeira parte do livro não é um espaço de socialização acolhedor. Para Chris – que descobriremos só ao final, com auxílio de Hannah, que é disléxico –, a escola é uma perda de tempo, um tédio puro. Para Rob, é um lugar onde se apanha e sofre com o *bullying*. Para Billie, um lugar ao qual ela não pertence mais. A segunda parte se passa na Brant, um local de ressocialização escolar visto pela classe média como um lugar pior, para alunos piores e problemáticos. Isso fica evidente no relato de Chris: “Sendo bem sincero, foi um alívio quando chegou a segunda-feira, o dia de ir pra Brant. Ou, nas palavras do meu pai, ‘a lata de lixo do sistema educacional’.” (p. 92). Na realidade, Brant é o lugar que realmente acolhe as personagens.

Essa crítica subjacente ao enredo de que existe um padrão certo de ensino e um tipo único de escola encontra eco na biografia do próprio autor. No site oficial, Burgess conta que:

*Eu ia muito mal na escola – ficava sonhando acordado demais para me concentrar em qualquer coisa. [...] Se você fosse uma criança inteligente com um bom cérebro, passaria e ia para a Escola Secundária aprender coisas que demandavam o cérebro, e se fosse uma criança burra, você fracassava e ia para a Escola Secundária Moderna aprender a fazer as coisas com*

*as mãos. Eu era uma criança com mãos. Eu fui para a Escola Secundária Moderna.*<sup>8</sup>

A experiência de Burgess, um escritor de sucesso que foi lido pela escola como alguém que não se dava bem com o aprendizado intelectual, abre espaço para a discussão do sistema educacional e a invisibilização de histórias reais de crianças e adolescentes. Brant tem Hannah e tem Jim, adultos que permitem uma segunda chance com um verdadeiro novo olhar para a experiência.

### **Kill All Enemies**

*Kill All Enemies*, título original da obra em inglês, aparece pela primeira vez no meio do livro. É o nome de um jogo de videogame jogado por Rob e que ele pretendia usar para nomear a banda que sonhava em ter com seu amigo Frankie, que também sofria com o padrasto. A escolha do termo remetia, assim, à morte desses inimigos que, na vida real, eram incombatíveis:

*Foi a melhor época da minha vida, tocando death metal com Frankie. A gente estava na mesma sintonia. Gostava do mesmo tipo de música. Slipknot, Metallica, Slaughter. Ele escrevia as letras – umas letras muito loucas. A gente tinha repertório próprio. Ia ser uma banda de verdade. Já tinha até nome: Kill All Enemies. Era isso que aparecia na tela antes do começo de cada missão no jogo de PlayStation que a gente mais gostava. Kill All Enemies. **De alguma forma, aquilo resumia a nossa vida. Pelo menos era assim que eu me sentia.** Frankie também tinha um padrasto, que ele odiava. (p. 122, grifo nosso)*

Frankie se muda, e Rob perde a bateria. Eles vão se reencontrar na quarta parte da obra e fazem a banda acontecer. Até lá, contudo, muito sofrimento ocorre na vida de Rob e muitos deles em função da camiseta do Metallica.

<sup>8</sup> O texto original está disponível em <http://melvinburgess.net/news/>. Acesso em 24 de janeiro de 2021. A tradução é livre.

Metallica é uma banda norte-americana de *heavy metal* formada em 1981, após James Hetfield responder a um anúncio que Lars Ulrich colocou no jornal local. A obra *Me encrenquei de novo!* (que, em inglês, se chama *Kill All Enemies*) faz uma referência interessante ao álbum de estreia do Metallica, *Kill'Em All*, que vendeu mais de 3 milhões de cópias nos Estados Unidos e foi eleito, pela revista *Rolling Stone*, o 35º melhor álbum de metal de todos os tempos.

O metal (ou *heavy metal*) é um gênero dentro do rock que se desenvolveu a partir dos anos de 1960, em Londres e nos Estados Unidos, principalmente. Suas raízes misturam o blues e o rock psicodélico, com um som mais encorpado, com distorções de amplificadores e cordas graves nas guitarras, para dar o ar *sombrio* que lhe é característico<sup>9</sup>.

Com agressividade e um ritmo ainda mais rápido, o Metallica do início de carreira evoluiu do *heavy metal* ao *trash metal*, gênero musical que se apresenta com letras que tratam bem mais de questões sociais e contestam o poder vigente. “Agressividade” é o melhor termo para descrever o Metallica no início da carreira, em especial o *Kill'Em All*. Esse som alto e agressivo, portanto, é o que permitia que Rob não ouvisse as cenas de violência doméstica que aconteciam em sua casa:

*Muita gritaria, muita agitação, mas eu descobri uma forma de lidar com isso. Não preciso mais nem pensar a respeito. Ligo meu iPod no último volume e deixo o som do Metallica tomar conta de mim, dos pés à cabeça, reverberando pelo meu corpo e fazendo as minhas orelhas, a minha boca e os meus olhos exalarem raios*

---

9 Evidentemente, entendemos que, mesmo dentro do *heavy metal*, a percepção de “sombrio” é bastante relativa (senão, subjetiva), e isso deve ser tomado em perspectiva. Comparativamente à banda Led Zeppelin, Metallica é mais sombrio, porém, comparando-se com Black Sabbath, é menos. Ambas as bandas são anteriores ao Metallica. É importante destacar ainda que o Metallica, por ser uma banda americana, sofreu pouca influência do movimento britânico New Wave of British Heavy Metal, que surgiu com fortes apelos a temas místicos, enquanto as bandas americanas eram influenciadas pela agressividade dos crescentes *trash* e *punk metal*.

*de luz luminosos. Ai eu abro a porta e entro em casa no meio de uma onda sonora.*

***O Metallica resolve a maioria dos meus problemas.***

*Quando o Metallica está tocando, não tenho por que me irritar. E nem sentir medo. E nem me preocupar.*

*Eles cuidam de tudo por mim. Quando escuto Metallica, eu me sinto um deus. (p. 32-33, grifo nosso)*

O Metallica resolve os problemas de Rob porque silencia o barulho externo e lhe dá algo do que fazer parte: um grupo, uma galera, uma tribo. Antes de sair de casa, sua mãe o presenteia com uma camiseta que passa a ser o símbolo da relação dos dois e da possibilidade de lidar com os próprios problemas. Ao se vestir “de Metallica”, ele reproduzia em si a força da música, mas também a certeza de não estar só. Mesmo apanhando por causa dela e sendo expulso da escola, Rob exhibe sua camiseta como um trunfo.

O “ser metaleiro” pode significar, para além do estilo musical, a possibilidade de encontrar, na arte, a sensação de pertencimento – tão cara aos humanos, e mais ainda aos jovens, especialmente vulneráveis quando se sentem sós. Dessa forma, embora faça referência à morte e à violência, a expressão “kill all enemies” representa, no livro, uma catarse<sup>10</sup>: os inimigos que morrem são o medo, a solidão, o desamparo. É o fim do sofrimento desmesurado dos adolescentes e uma possibilidade de recomeço: eles passam a se compreender entre si, formando um grupo, e a ser compreendidos também por nós.

---

10 Catarse (*kátharsis*) é um conceito filosófico que significa purificação. Ainda que amplo, tem origem na discussão filosófica das tragédias gregas, nas quais o momento de catarse, ao final da apresentação, se dava com a redenção do herói trágico. O processo catártico envolve sempre o público: na redenção do herói, todos nós que o assistimos também somos purificados dos nossos erros.